

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 5.

SABBADO 21 DE ABRIL.

1860.

RELATORIO.

(Continuado de p. 10.)

Na sessão de 3 de Abril tomaram posse os empregados eleitos e a cada uma das sessões a casa habilitou a confeccionar o Regimento Interno dos seus trabalhos, para ser-lhe presente na primeira reunião, e se proceder á sua approvação definitiva.

Decidiu-se tambem que as sessões tivessem lugar na Academia, nas quintas-feiras á tarde.

Eis o que pode resumidamente extrahir das actas que tenho em meu poder, para informar os Srs. Socios da marcha geral do Instituto.

Resta-me a mais difficil parte d'este trabalho, e na qual toco com bastante pezar, porque os Srs. Secretarios das Secções como que se combinaram para não me fornecerem um só dado, com que satisfazer possa as vossas vistas.

Antes de fazer um retrospecto, de dizer-vos o que contém os seus relatorios, devo dirigir-lhes algumas palavras para com franquesa apresentar-lhes o meu pensamento. Não lhes quero irrogar uma censura, e sim, mostrando o que omittiram, prevenir os seus successores dos dados que devem fornecer, porque sem isso com immensas difficuldades o Secretario Geral tem a lutar para confeccionar o seu relatorio. Difficuldades que desaparecerão si no futuro os Secretarios attendem a estas reclamações.

Estas ommissões, eu sou o primeiro a reconhecer, teem uma desculpa. Uns inexperientes em taes trabalhos, não cuidaram si não em exprimir as suas idéas; outros occupados em mais serios cuidados, apenas lançaram á pressa algumas palavras; e mais que tudo o extravio de algumas actas, não lhes permittia trabalho mais completo.

Assim nesses relatorios parciaes muito ha que desejar, e cuja falta sinto em extremo.

Eil-os em resumo, principiando pelo da 5.ª Secção.

Esta Secção, diz o Secretario o Sr. José

Hypolito de Oliveira Ramos, trabalha ás sextas-feiras á tarde, adoptando como norma para as discussões, methodo e prudencia. Methodo porque seguiu a ordem das materias, prudencia porque respeitou sempre a ordem. As sessões foram pouco frequentadas: o que tem explicação na accumulção dos trabalhos que pesam sobre o 5.º anno, que só podia dispor de muito pouco tempo para se entregar ás discussões. Mas as questões foram ellucidadas com calor e proficiencia, e sessões houveram que semelhavam uma reunião, não de moços principiantes, mas de veteranos da sciencia.

Durante o anno presidiram as sessões dous Srs.; o mesmo aconteceu com a Secretaria. Os Estatutos foram observados.

O relatorio da 4.ª Secção é ainda mais laconico.

Durante os trabalhos muitos Socios mostraram com sua presença, assiduidade e exemplar comportamento, desejos de fazer chegar esta Associação aos felizes resultados para que fôra creada. As sessões foram sempre concorridas, e mostraram-se frequentes os Srs. Coelho da Silva, Camargo, Nabuco, Capistrano, Brotero, Neves Junior, Galvão, Menezes, Tavares, Casimiro e Soter.

Esse relatorio, devido ao Sr. Cuim Atua, finda apresentando um tributo de gratidão aos Srs. Dr. Ferrão, pelos relevantes serviços por elle prestados ao Instituto, que tudo lhe deve.

A 3.ª Secção teve por orgam o Sr. Miguel Antunes de Moraes: Este Sr. desculpa-se da imperfeição do seu trabalho, e declara que só mencionará os factos que tiveram lugar depois que foi nomeado Secretario, em consequencia da ausencia e encommodos do Sr. Ferreira e Costa. Tendo faltado por algum tempo este Sr. ás sessões foi mister para que trabalhasse a Secção, que se procedesse á nova eleição, e tendo pedido excusa o Sr. Limpo de Abreu, foi então escolhido o Sr. Antunes de Moraes, que em seu relatorio reconhece a utilidade de uma Sociedade, que tem por fim discutir as materias do curso juridico, como um preparatorio ás sabbatinas. Idéa feliz e generosa pela qual tributa seu voto de gratidão ao Sr. Dr. Ferrão, que se

mostrou o mais esforçado em concorrer para que funcionasse essa Secção. Esforços, porem, que foram mal recompensados, porque só um pequeno numero de Socios comparecia ás raras sessões, que tiveram lugar. E por esse abuso e culpa dos Socios poucos fructos e resultados se colheram de tão util instituição.

Essa falta de frequencia é um mal que espera se não reproduzirá no futuro, pois que d'ahi é que pode vir vida e nova seiva ao Instituto.

A falta de um Regulamento Interno foi sensível, mas a proposta para a sua confecção não foi approvada por diversas razões, e sem elle continuou a funcionar a Secção.

Não ponde dar o numero das reuniões, recorda-se, porem, que desde que tomou conta da Secretaria, houveram 8 on 9; embora pouco frequentadas, discutiram-se, comtudo, com algum desenvolvimento as thezes propostas.

O Presidente da 3.^a Secção, o Sr. Genero-Alves Ribeiro, procurou desempenhar honrosamente o seu cargo, já propondo thezes á discussão, já elucidando as questões dvidosas.

Nos ultimos mezes serviu de Secretario da 2.^a Secção, o Sr. Augusto Freire da Silva, que diz em seu relatorio:

A 2.^a Secção soube compenetrar-se de sua tarefa, porque seguiu pari passu os Estatutos, discutindo as materias dadas semanalmente no curso juridico.

As discussões foram frequentadas e animadas; e as utilidades que dellas tiraram os Socios foram immensas, porque eram as sessões modestas e livres de toda a cerimonia e etiqueta.

Os fructos ali collidos abonam a instituição, e lhe fazem desejar um prospero futuro, uma vez que ella desembaraça os jovens para trabalhos mais arduos, e a não receiarem falar em publico.

Todos os trabalhos se passaram em ordem, tendo havido, porem, uma epocha anormal pela cisania, que um Socio quiz introduzir, mas que o bom senso da maioria cortou pela raiz.

Inscreveram-se 40 Socios. Distinguiram-se pela sua frequencia, dedicacão e amor ao trabalho os Snrs. Coelho de Macedo, Silva Costa, Fortunato de Brito, Abreu e Silva, Freire da Silva, Ferreira Vianna, Josiuno, Nicoláo dos Santos, Araujo Leite, Valente, Zoroastro, Gorçolvas Bastos, Arthur Macedo, Prates, Martins Torres, Wernck, Motta Cruz,

e Emiliano. Estes Snrs. foram os campeões mais denodados, e que mais serviços prestaram ao Instituto, fazendo com que a 2.^a Secção fosse a primeira em começar os seus trabalhos, que foram sempre regulares.

Em nome da 2.^a Secção, o Sr. Freire tece o mais merecido elogio ao Sr. Dr. Ferrão, pelos sacrificios que faz em ajudar a mocidade em seus estudos, e por lhe ter preparado, como verdadeiro protector, esta Associação, que lhe deve facilitar o aperfeicamento de seus estudos juridicos.

O relatorio da 1.^a Secção é devido á penna do Sr. Carlos Cactano de Abreu, seu Secretario.

Aqui mal poderei acompanhar o pensador; e mal posso resumir as suas idéas, porque temo desfigurar as suas imagens, e desvirtuar as suas palavras. Colhendo aqui e ali, deixarei de parte as suas idéas vagas e abstractas, que não me cumpre examinar, por não servirem para o meu trabalho.

Eis o que elle contem:

Não basta ao homem o cultivar a sua intelligencia, é-lhe, porem, preciso renuir-se em associações, porque do embate das idéas nasce a verdade.

Nomeado interinamente não ponde confeccionar um trabalho mais vasto para ser presente á Secção.

O indifferentismo e o materialismo não tem endurecido os corações, a ponto de expellirem d'ahi todas as idéas grandes e engenhosas, por isso ainda ha quem se suba sacrificar pela mocidade.

Citar seu nome é inutil, porque elle se acha gravado em todos os corações, e porque as palavras não bastam para significar os seus sentimentos.

Não só a missão do Instituto, como tambem a prudencia em sua execucao, merecem encomios, porque o ardor e o enthusiasmo, por si sós, não podem tornar persistente a inspiração do mais generoso genio. As grandes idéas tem como as plantas, suas estações para germinar e medrar. As estações para o lavrador é o chronometro que lhe aponta a epocha da sementeira; mas outro tanto não acontece no mundo ideal, porque muitas vezes se precisa de um seculo para se inocular uma idéa no seio do povo, já que a precipitação pode fazer heber ao seu autor — a cicuta, como se fez a Socrates, ou então dar-lhe a escolher a abjuração, ou a fogueira, como a Galileu.

O Sr. Dr. Ferrão para arredar o erro creou para uma idéa generosa o Instituto.

A 1.^a Secção teve os seus obices, porque a falta de Lentes fez com que os academicos do primeiro anno não tivessem aulas por muito tempo e portanto, materias para discutirem. Alem disso a idéa era nova, e como tal a custo se ponde desenvolver perante os esforços dos Srs. Pereira de Carvalho, Gonçalves de Carvalho, Corrêa de Oliveira, Julio Cezar, Pestana, Rodovalho dos Reis, Monteiro da Luz, Mesquita, Coelho de Magalhães, Palmeira, Suckow, Bulcão, Sergio de Macedo, e Ladislau da Silva.

O Secretario confia no futuro da 1.^a Secção, quando conta em seu seio jovens taes, que se recommendam pela sua intelligencia, assiduidade e amor ás letras.

(Continúa.)

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

II.

Quero tambem contar-vos uma historiasinha, meus caros meninos; digo uma historiasinha, não porque deixe de revelar importancia, ou porque seja absolutamente sem interesse; pois que importancia, vereis vós, que tem e não pequena, visto apresentar um principio bem salutar; e interesse estou que lhe achareis, pois que tudo que se cinge á verdade e tenha um fim de utilizar, tem sempre mais ou menos interesse sinão para todos, ao menos para aquelles a quem diz respeito ou quer respeitar.

O meu prologo ainda não está acabado; escutae ainda com paciencia; porque vou agora dizer-vos a razão que tive para chamar historiasinha á que tencionava narrar-vos hoje; escutae ainda, pois que o vou fazer. Chamo historiasinha a esta narração, por tratar de entidades bem humildes, como sejam tres arbustosinhos nascidos no canto de um jardim; tres roseirinhas que sem saber-se como nasceram em um quintal de uma pessoa do nosso conhecimento, e cujo nome não necessito declarar. Aqui remato eu o meu aliás extenso prologo; e como vos vejo já impacientes por ouvir a promettida historieta; dou-vos a alegre noticia de que vou começar a

HISTORIA DAS TRES ROSEIRAS.

Rodrigo tinha tres filhos, e cada um d'elles, como succede as mais das vezes, tinha o seu genio differente do de seus irmãos.

O mais velho, que chamaremos João, não era mau rapaz; porém não sei se devido ao terem-no trazido sempre nas palminhas das mãos, por ter sido o primeiro filho que Deus dava a um par extremo, ou si mesmo á natureza; mostrou sempre desde bem pequeno, que amava mais o ocio do que qualquer exercicio, que acaso perturbasse o seu socego.

Leandro, o seu segundo irmão, era de um espirito inteiramente opposto, si bem que não mostrasse tanta docilidade de genio, tinha comtudo uma energia, desembaraço e disposição para o trabalho, que não se encontram commumente; elle tinha tambem um tanto ou quanto de amor proprio; e isto fazia com que desejasse primar em tudo; e e até mesmo ir adiante de seus collegas na escolla, e gozar a maior estima de seus superiores.

Antonio, o ultimo dos filhos de Rodrigo, tambem era energico; porém sendo o ultimo filho que tivera sua aliás extremosissima mãe, foi tão affectado pelos miminhos e vontadinhas que esta lhe fazia, que nunca teve ordem em nada, e nem mesmo mostrou já-mais ter constancia em cousa alguma: tudo queria, tudo começava, porém nada o satisfazia, nem concluía cousa alguma. De muita vivacidade, elle não se podia já-mais limitar a uma só cousa, tudo desejava e tudo ao mesmo tempo, e tão depressa tinha o desejado, que se aborrecia, e já aspirava uma nova cousa.

Ora, o bom velho Rodrigo, era homem que á bondade reunia bom criterio, e um desejo illimitado de bem educar seus filhos. Elle procurava todos os meios de corrigir-lhes os defeitos, e posto ser pae e amorosissimo, não tinha os olhos tão cerrados, que não conhecesse no que lhes andavam mal. Entretinha seus filhos em mil exercicios; e esta historia que deu motivo a fallar-vos desta familia, é o que succedeu de um desses exercicios.

Rodrigo quiz bem conhecer a disposição de seus meninos, e lembrou-se para isso de pôr ao cuidado de cada um, um pé de roseira pequenininho, de muitos que tinha no seu jardim, e assim em um bello dia muito cedo, á hora em que pelo jardim passeava com os meninos alim de gozar a fresca da manhan, parando rapidamente, como quem se lembrava de alguma cousa, vira-se para seus filhos e lhes diz: «Vinde cá, todos tres, quero incumbir-vos de um entretenimento que por certo vos será agradável; olhae, aqui

estão tres roseirinhas, todas de igual tamanho, todas bem viçosinhas, e posto que estejam um tanto desviadas umas das outras, o terreno é o mesmo, e assim todas podem crescer igualmente, e sendo ellas todas da mesma semente, naturalmente darão flores iguaes em belleza e perfume. Ora, pois, a ti, João, dou-te este pé, ao Leandro aquelle, e o Antoninho será o dono daquelle outro que ali está. Agora tomae conta das vossas roseiras, e sêde cada um o jardineiro da sua, e eu quero vêr qual de vós me offerecerá em paga do que vos dou, as melhores rosas do seu arbusto.»

Ainda bem o pae não tinha acabado de falar, quando o filho mais moço se lançou á sua roseirinha, e mostrou logo uma gana de a fazer crescer, dar flores, e arrancar-as todas para naquelle mesmo momento offerthal-as ao seu papae; elle foi logo e contentissimo promettendo ao bom do velho, que a sua roseira cresceria depressa, e que havia de dar as melhores rosas que se tivessem visto; elle até mesmo disse que da segunda camada havia de fazer um grande ramalhete para sua mamãe; e que havia de encher todos os dias os vasos da sala unieamente com as suas rosas; e foi logo pedindo ao seu bom papae, que queria ser o unico a botar as suas rosas nos vasos todos; e que não consentisse que seus irmãos tambem botassem lá as delles. Prometteu ainda que todos as dias muito cedinho iria apanhar as rosas mais bonitas para com ellas ornar o vaso que está sobre a escrevaninha de seu papae, e depois pediu licença ao papae para deixar a sua roseira se estender por onde quizesse, poisque elle em pouco teria um rosal, que havia de encher todo o jardim, que todos haviam de admirar.

Emfim o nosso Antonio fallou que foi um gosto; porém deixemol-o entregue aos seus calculos e ao excesso do seu prazer; e passemos a narrar-vos o que succedeu com os outros.

Leandro deu um pulo como de contente, e entusiasmado, com os olhos brilhando e os labios sorrindo, disse ao pae; «Eu lhe prometto, meu caro pae, que hei de tratar com todo o cuidado a roseirinha que me deu; eu não me hei de descuidar della um só dia.»

E dizendo isto aproximou-se da roseirinha, e começou logo a esgravatar a terra em volta ao pé; e com o seu canivethinho, que tirou do bolso, foi logo ali mesmo decotando-a daquelles galhinhos, que elle julgava importunos.

Resta-me dizer-vos o que se passou com o nosso bonachão do João.

Elle quasi que nem deu signal de si, ficou tão quieto e estatico, que se o viras, julgareis ser estranho ao que se passava. Apenas, quando o pae acabou de ouvir tagarellar o Antoninho, e virando-se para elle disse: «E tu, tambem cuidarás da tua, João, não é assim?» Elle friamente respondeu: «Sim, senhor.»

Neste mesmo tempo se ovviu o som da campainha, que annuncia o almoço estar na meza; e o pae então seguindo para casa, disse aos filhos: «Vamos, meus filhos, deixae por agora as vossas roseirinhas, o almoço está prompto, e vossa mãe nos espera.»

Seguiram, pois, todos para casa, apesar de ainda ser preciso chamar de novo o Antonio, que queria ir em primeiro lugar buscar o regador para já regar a sua planta.

Escuso dizer-vos minuciosamente o que se passou diariamente com os tres filhos de Rodrigo concernente ás suas roseiras; basta contar-vos o que em resultado se observou d'ahi a tempos.

Rodrigo completava cincoenta annos; e tinha tencionado festejar o seu natalicio dando um esplendido baile, para o que havia convidado não só as familias de sua amizade, porém mesmo diferentes pessoas de consideração, á quem desejava obsequiar, ou ter o prazer de os vêr todos reunidos em sua casa em dia tão memoravel. O dia amanhecera lindo, como o são os dias de verão; e logo que descendo do seu gabinete, Rodrigo entrou na sala, ficou maravilhado de vêr já tão cedo sobre a meza jardineira em um vaso chinez de estreito côllo, uma rosa que em tamanho, belleza e fragancia excedia a tudo que até ali se tinha visto; e em dous outros vasos de maior porte, dous formosissimos ramalhetes compostos unicamente de rosas, que, com quanto não fossem exactamente como a que estava só, bem mostravam serem da mesma qualidade, pois que bem se pareciam em tudo.

Rodrigo parou em frente a estas flores por longo tempo, e as contemplou uma por uma, e não sabia que admirar mais, si a formosura das rosas, ou si o bem feito dos ramos.

Assim surprehendido, elle chama a sua consorte, e depois de mostrar toda a sua surpresa pelo que via, lhe perguntou quem mandára tão mimoso presente no dia dos seus annos. A mulher de Rodrigo, que ignorava tanto como elle, quem ali pozera aquellas flo-

res, não deixou de ser também surpreendida pelo que via, e que tanto encantava os seus olhos. Emfim, depois de indagado bem quem ornára com tanto primor os tres vasos, ouviu o pae com espanto que fóra Leandro. Immediatamente chamado este, elle com toda a modestia, porém não podendo occultar grande satisfação e contentamento, declara a todos que aquellas rosas eram todas da roseirinha, que seu pae havia posto debaixo do seu cuidado; e que elle em paga da consideração que seu pae tivera com elle, e em tributo do muito que o estimava, ornára aquelles vasos com as rosas da sua roseira, em o dia dos seus annos, e que mui feliz se julgava por ter tido este meio de concorrer com alguma coisa para abrilhantar a sala onde em pouco uma numerosa companhia concorreria a festejar um dia que a todos de casa era tão caro.

Bem podeis, meus meninos, ajuizar qual seria a alegria que se apoderou do coração do bom Rodrigo e de sua consorte, contemplando naquella hora os bellos instinctos de dedicação e affeição de seu segundo filho.

«Vem cá, meu Leandrinho, exclamou Rodrigo, vem cá, quero-te abraçar em signal do prazer que me déstes; toma, recebe este abraço e este beijo, já que és tão bom filho, já que te mostras tão cuidadoso e diligente nas cousas boas; tu serás sempre um bom rapaz, e por este modo ganharás a estima de todos; tu serás feliz, Deus assim o queira, pois que disso és merecedor.» Os transportes de prazer levaram Rodrigo, ainda mais além na demonstração de sua satisfação para com seu filho Leandro; porém devemos deixar em silencio o resto do que se passou, e que apenas cada um de vós considere segundo os sentimentos dos vossos corações; e já que me pareceis todos curiosos sobre o que succedeu ás roseiras dos outros dous filhos de Rodrigo, eu vou satisfazer a vossa curiosidade, contando-vos que unicamente a roseira de Leandro chegára a dar flores, e essas bellas e fragantes, como já vos dice, e isto porque foi elle o unico de seus irmãos que cuidou do seu arbusto com ordem e regularidade; pois que seu irmão mais moço, o nosso bem conhecido Antonio, com quanto não se descuidasse da sua roseira, nunca a tratou com regularidade, e pensando que seria bastante rodeal-a de estreme, e regal-a com frequencia, deixou esgalhar, crescer sem jámais podal-a, e o seu arbusto se tornou tão vicioso que fez uma grande touceira de galhos de abastecidas fo-

llhas; estava viçosa, porém mudicada de tanto viço, que lhe vedava ores.

Quanto ao que succedeu eira do bonachão do João, creio que vós já advinhastes; nunca sendo ollnem cuidada, foi queimada pelos raios sol do estio, e até posso assegurar-vos q seu proprio dono nem mesmo sabia o havia sido feito della.

Aqui dou por concluida historieta; porém deixae que vos observe a cousa que sem dúvida alguma es, já notei desta narração; e vem a que de tres arbustos da mesma semente iguaes condições de terreno, unicamente produziu bom resultado; e que este que cultivaram devidamente; ora, meus caros meninos, bem podeis daqr uma bella lição, e é que assim comoseira, tudo quer um regular e devido ego e cuidado, para produzir o fructo ado.

Supponde que as roseiram as vossas boas disposições; e pois traá vossa mimosa planta devidamente, que produza bellas e fragantes flores cu roseira de Leandro; e podeis estar e de que por mais talento que tenhaes, a cultivardes devidamente ou a negligenc elle produzirá um aborto como a rose de Antonio, ou se mirrá como a de Joulivae, cultivae, pois, meus caros mer essa preciosidade, que vos deu o Bomsercicioso Deus para vos fazer felizes; vos encher de gloria, e sabeí que uniate com trabalho e methodo se reproa boas cousas. Sede incansaveis no rimento dos vossos deveres, tende ordm tudo que fizerdes, e eu vos affianço olliereis bellos e bem sazoados fructo

13 de Outubro de 1856.

MISERIAS DA ESVATURA.

SCENAS VERI

II.

É noite. Entremos nerior da casa do fazendeiro. Estamos na varanda, tratemos de escrever tudo ali observamos, para depois o leitor arar ao que observar em outro lugar e em seguida o levaremos.

O fazendeiro está reco sobre uma marqueira de palhinha; de, no farni-

ente delicioso d'uma rede, sua digna consorte manda dar que merendar as crianças. Observae bem estes pequenos innocentes. Ali, com o prato sobre uma cadeira, está um menino de quatro annos de idade, mais ou menos. Dentro do prato ha comida sufficiente para tres crianças da mesma idade. Junto ao menino, com os olhos fitos sobre a comida, e seguindo avidamente cada bocicado que elle leva á bocca, está um pretinho que representa ter a mesma idade. O menino come, não porque tenha fome, mas porque lhe deram que comer—come por divertimento, por isso vae elle distribuindo bocicados a um gato e a um cãozinho que aos lados da cadeira recebem a sua ração. Mas se observardes os movimentos do pretinho vereis que de vez em quando elle se abaixa sorrrateiramente e procura tomar para comer os bocicados atirados ao chão. Pará isto unicamente por *lambiscaria*? Acreditaes que não: n'uma fazenda ha muita abundancia, é verdade, mas não é para o escravo... Porém, não é de reparar que o menino sómente dá que comer ao gato e ao cão e nada ao pretinho?... Não accusemos a innocencia: ella está persuadida que aquelle ser que perto da abundancia se arrasta e apanha do chão migalhas de comida não pode ter fome...

Acolá, em meio da varanda, não vedes aquelle outro menino que esbraceja, grita, dá de esporas nisso que elle chama seu cavallinho? Acreditaes sem duvida que é um cavallinho de páu? Enganae-vos: é um pretinho que de quatro pés anda pela casa carregando as costas o seu senhor-moço. Mas como elle não póde com o peso empáca—e o cavalleiro da-lhe de esporas, pucha-o pelas redeas a ponto de enforca-lo, da-lhe de chicote—sua, esbraceja, grita pelo papai, chama pela mamãe, e estes acodem, e a força de ponta-pés obrigam o cavallinho a andar... Não accusemos a innocencia: ella está persuadida que entre um cavallinho de páu e um cavallinho humano a differença é nenhuma...

Ali, junto á aquelle fogareiro que arde no meio da varanda, não ouvis esses gritos, esse choro de angustia, e responder-lhes grandes risadas de criança? É uma menina que lançou fogo ao vestido d'uma pretinha. Na sua simplicidade ella quiz vêr se o fogo queimaria e não arrancaria gritos á sua victima—como acontecêra a sua boneca que se queimára toda sem dar um só gemido... Ainda aqui não, accusemos a innocencia: ensina-

ram-lhe que entre coisa e um escravo a differença era nem uma...

Acolá, deitado sobre duas cadeiras, está um meninote que quer dormir ouvindo algumas historias. Para isso obriga a estar de joelhos um moleque que lhe conta contos da *Carochinha*. Mas que necessidade tem elle desse chicote que empunha? Eu volto digo. As vezes o somno não lhe vem logo; e o pobre moleque esgota as historias que sabe; e como a sua imaginação é pouco inventiva—ali está aquelle estimulante para o inspirar... Ainda aqui não accusemos a innocencia: ensinaram-lhe que o escravo, que a coisa, em certas occasiões, tambem deve ter intelligencia...

Deixemos as crianças—pobres innocentes que vão desde pequenos sucando máo leite, e entremos naquelle quarto, cuja porta está cerrada. É o quarto da filha mais velha do fazendeiro. É uma moça bonita, e muito mais o seria se aquelle rosto, em vez de exprimir candura, bondade, não exprimissem agora máos sentimentos. Que fazia ella? Sentada em uma rede cosia—mas o que? talvez algum vestido de boneca, porem vos asseguro que ella não trabalhava. O que a prendia áquelle lugar era o desejo louvavel de ensinar a uma pretinha de dez a doze annos, a coser. Porem reparae que a pretinha chora, reparae que no rosto, nos braços, nas mãos ha signaes de castigo. São belliscões, thezouradas, ou pontas de agulhas ou de alfinetes que lhe arrancam a pelle, rasgam-lhe as mãos e os braços—e isso por que a pretinha é incorrigivel, incapaz de aprender a dar um só ponto? Tomae a costura que ella tem nas mãos e vereis que é o contrario disto. A costura está bem feita, mas a senhora-moça sentindo-se aborrecida, procura aquella distracção: castiga se a escrava cose bem, castiga se a escrava cose mal... Mas, porque censurarmos esta moça?—ensinaram-lhe desde criança que o escravo é um objecto que, além de outros mistéres, serve tambem para divertir aos que estão aborrecidos—cortando-se-lhe o rosto, arranhando-se os braços, as mãos, e isto com o mesmo sangue-frio com que se fractura um objecto inanimado...

A ceia foi servida. Era uma ceia de roça, se não havia pratos delicados, havia em compensação, muita variedade nas ignarias. É uma ostentação do fazendeiro o offerecer luenta mesa aos que visitam o seu estabelecimento, haja muitos pratos—quanto ao mais pouco se lhe dá. Assim, muitas vezes, n'uma

grande mesa encontrareis louça igual a que ha na casa do pobre, ou n'um castiçal de prata arder uma vella de cêbo negro e fetido. Tudo isto são banalidades, a gloria está em colher em cada cafra tantas mil arroubas, e contar quantos escravos possue.

Durante esta ceia, que denota a fartura em que nadam os senhores, entremos nessa casa baixa, de feia apparencia, tendo somente uma porta, que dissemos ser a senzala dos escravos. Vejamos se os productores daquela fartura que se ostenta na mesa dos senhores, terão, como é natural, já não digo, uma ceia lauta, mas sufficiente para lhes matar a fome após um—trabalho rude e penoso.

(Continúa).

NOTICIARIO.

Publicou-se mais um jornal—o *Cruzeiro do Sul*. Como jornal politico tem por fim guiar as opiniões do povo, quasi sempre desvairadas pela bastardia dos partidos que não se definem porque querem illudir. O *Cruzeiro do Sul*, para S. Paulo, é uma necessidade, em vistas o espirito de sua missão: explorar as minas latentes da intelligencia da mocidade, illustrar o paiz, de tudo occupar-se com exame, nada condemnar sem conhecimento—tal é seu fim grandioso. Se não fosse o receio de trahir o que a amizade nos ha confiado, diriamos sem medo de errar—que o redactor dessa folha conhece a grandesa de seus triumphos e a gloria que lhe segue. Tanto deve alcançar, porque as vocações imperiosas, que nenhum obstaculo as separam do seu destino, entre nós, valem tanto como decretos, ou bullas. Saudamos o gladiador liberal, e pedimos que não recue ante o fantasma da opposição. Lembramos que—os homens que pensam como Vico e Lamartine, reduzindo a humanidade a percorrer um circulo limitado, devem ser perseguidos, porque são inuteis. Nada de estacionar ou conservar.

O espirito humano só caminha por meio de opposições e de contrastes: só triumpho depois que luta. Tal pensamos, tal praticamos.

P.

*Guição do Socio Honorario do Instituto,
o Illm.º Sr. Dr. D. de Az.*

A um poeta.

Cas, poeta, a vida vai passando
Tve como à tona da corrente

Pobre folha a vagar:
Ddeira a flor beija-lhe a face
As a embalam, té que some-se
Ou no rio, ou no mar.

Cas, poeta, em ar de peregrinos
As pelo mundo, qual nos ares
Andorinha perdida
Dm quando, em solitario galho.
Go a sós, scismaudo p'ra as estrellas,
Recordamos a vida.

La ermo o coração nos treme,
Praos ceus, em ancias de exilado
Da existencia uma flor:
Esponta à extrema do horisonte
Cvidosa luz, timida noiva,
Nosso astro de amor.

E então percamos da existencia
Obre caminho; vês a estrella?
E' sempre o nosso guia.
Fila engastada pelos anjos
P'chammas do ceo dar-nos um raio
Na divina poesia.

Mham tristes goivos desmaiados
Qsenda encontremos entre espinhos
Não vai a flor nascer?
Cas sempre; a vaga que murmura
Srouqueja, até que n'um suspiro
Vai nas praias mover.

Savem negra se ennoitar a estrella
Aua de fulgor, então se mancha
A nossa alma — esquecida.
Tentão que o coração não pulse
Pra triste que occultou-se ao poeta
Foi-se a creuça da vida.

M assim que não define o canto,
Q'ra ao menos n'uma dulia santa
O inspirado dos ceos:
O geme solitario e triste,
Eentão em derradeiras notas
O seu ultimo adeos.

ta, e outra não menos excellente poesia de ve complacencia do seu modesto e illustradissitor, cuja fronte, já de muito, cingem virentes. São ambas produções d'outr'ora, mas q'pe vem em estação propria. O auctor nos de por trahirmos sua recommendação: «Ahi llo duas pequenas lamurias, daquellas que sos meus tempos, não sei se de descrença ou dichei-as, como muitas outras, no fundo de uxa, onde de ha muito estavam condemnada-àridade, como segredos inuteis, e que não ins to a ninguem. Se quizer publical-as, faça-o, mo amor de Deos não diga de quem são. —
At — S. C. 22 de abril de 1860.

MOSAICO.

Dizia o padre Antonio Vieira que toda a fortuna de um homem da côrte consistia em saber adular, mentir, furtar e repartir.

O ponto que Archimedes procurava para erguer o mundo é aquelle que liga ao commum dos homens um genio extraordinario — *Madame Staël.*

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

SCENA 2.^a

Os mesmos e D. Fernando d'Avila.

(Continuado de p. 16.)

FERN.—Mandou-me chamar, senhora?

CONDES.—Senhora!—porque não me chamam tua irmã, Fernando?

FERN.—Estou ás suas ordens, minha irmã.

CONDES.—Porque foges de nós?

COND.—Porque não nos procuras sempre?

FERN.—Eu?

CONDES.—Que attractivos tem para ti a solidão?

FERN.—Si a busco, minha irmã, é para que ninguem partilhe dos meus soffrimentos.

D. FRAN.—Sim: o isolamento é agradável aos enfermos e.... aos amantes.

FERN.—Ha muitos annos que padeço.

D. FRAN.—E ha quantos ama?

FERN.—Eu, snr. D. Francisco!

D. FRAN.—Sim. O senhor é um bonito mancebo, já deve ter feito andar á roda muitas cabeças, como me aconteceu quando tinha a sua idade.

FERN.—É que, na minha idade, o primo não tinha a minha vida.

D. FRAN.—*(Rindo).* Oh! que tamanhas desgraças terá o senhor a deplorar!

FERN.—Que tamanhas desgraças!—por que me lastimo? Meu pae, ferido n'um duello, morreu um mez antes do meu nascimento: minha mãe.... sim, minha mãe!.. morreu ao dar-me á luz: meu irmão ainda moço não pôde tomar conta de mim e entregou-me a extranhos: nada tenho a exprebrar-lhes:—os mercenarios queriam ape-

nas dinheiro... Fraco, doentio, não deixavam nunca de chamar habeis medicos quando eu padezia. Melancholico por natureza, chorava muitas vezes quando via outras creanças acariciadas por suas mães: então perguntava pela minha: conduziam-me á presença de uma imagem fria e diziam-me:—Ei-la aqui!—Oh! que poderia desejar mais o meu coração? E com razão zombam de mim, porque nem por isso tenho desgraças a deplorar!..

CONDES.—E depois que cresceste não tens concebido outro laço de amizade?

D. FRAN.—Algum amorzinho occulto?...

FERN.—Quem quererá amar-me!.. quem quererá lêr em minha alma?...

D. FRAN.—Meu amigo, o amor só os tolos dizem que é cego!—o amor!.. é o velhaquete mais perspicaz e mais egoísta do mundo! e a mulher, por mais tola que seja, faz sempre este calculo:—Este homem é um desgraçado: vou lançar mão d'elle: ha de amar-me, porque serei a sua unica felicidade. Este é orfão: devo preferi-lo, porque ha de accumular-me de toda a ternura que teria repartido com sua mãe, seu pae e sua familia, e desta maneira o meu coração luera tresentos por cento sobre o capital. O amor é o maior usurario que eu conheço!

CONDES.—Para que empregar todas estas reflexões, si o coração de Fernando ainda é livre?

FERN.—E quem poderia amar-me?.. a mim?

UM CREADO.—*(Annunciando).* A sra. Maria da Silva.

FERN.—*(A' parte).* Maria!. aqui?! nesta casa!?!..

CONDES.—É a menina que vem trazer-me o retrato. *(Baixo, u D. Francisco).* Note como está perturbado.

D. FRAN.—*(Baixo).* Sim, é um indício.

CONDES.—*(Baixo).* A prova—nós a teremos. *(Alto).* Manda entrar.

(Continua.)

Errata do n. 2.

Pag. 14 c. 2 lin. 16, em vez de: contribuiam, lea-se: contribuíram. Lin. 39, em vez de: pesa, lea-se: pèze. Lin. 46, em vez de: caprichos, lea-se: Capuchinhos.

S. Paulo.—1860.—Typographia IMPARCIAL de J. R. de Azevedo Marques.